

Um dos grandes discos de 2007

in "epsilon", PUBLICO, 8 Junho 2007

Aqui está o disco que demolirá qualquer dúvida quanto ao lugar de Mário Laginha no seio dos maiores pianistas da actualidade e que é, desde já, um dos grandes discos de 2007.

Paulo Barbosa

Mário Laginha Trio

Espaço

Clean Feed, distri. Trem Azul

★★★★★



Bastará uma única audição desta gravação para que se fique com a certeza de que, depois do solo

absoluto de "Canções e Fugas", Mário Laginha acertou em cheio no alvo, outra vez. Difícil será, no entanto, que nos contentemos com uma só audição deste magnífico álbum, recheado de música contagiante, simultaneamente reconfortante e estimulante.

A determinação com que o



Mário Laginha

pianista dirige o trio e a resposta que recebe de Bernardo Moreira (contrabaixo) e de Alexandre Frazão (bateria), parceiros ideais, verdadeiros cúmplices espirituais e físicos nesta sua nova aventura, elevam as capacidades interpretativas do grupo a um nível reservado apenas aos melhores. A empatia a que acima se alude está patente tanto no modo como os músicos se relacionam entre si na execução destas composições de Laginha, como no tipo de relação que estabelecem com a própria música. Tanto quanto o seu compositor, Moreira e Frazão vivem esta música como se lhes fosse própria, respirando-a com toda a urgência, como se de ar se tratasse, como se dela dependesse a sua sobrevivência.

Posto isto, vamos à música, que Laginha parece compor com a mesma exigência e a mesma convicção com que toca. Neste trabalho, encomendado pela Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007, cada composição constitui, enquanto tal, uma ideia perfeitamente acabada. No entanto, e porque Laginha concebe sempre algo mais do que meros veículos de improvisação, cada uma destas peças soa como um plano minuciosamente estruturado que apela, no entanto, à força criativa destes seus intérpretes para que se veja plenamente cumprido.

Esse equilíbrio entre composição e improvisação é bem ilustrado logo na faixa que faz arrancar o álbum, um agitado "Tráfico", onde a escrupulosa forma que define o tema é, logo após a sua exposição, submetida à tensão quase sufocante (e tecnicamente estonteante) de uma breve passagem a solo, na qual o pianista se concentra no registo mais grave do instrumento, a ele se

juntando depois o contrabaixista e o baterista para, num rápido impulso, descolar até à estratosfera, onde gravitarão, num swing inebriante, até ao regresso do tema.

Este tipo de orientação é adoptado em várias outras faixas, como "Paredes que nos rodeiam" ou "Baixo contínuo", mas é mais evidente ainda em "Escada". Nesta composição, de ambiência inicialmente sombria e marcada por uma escrita densa, na leitura da qual os pratos de Frazão fazem a música com o pianista, o trio liberta-se depois, sobre uma batida quase hip-hop, numa agitada escalada que, mais uma vez, só pára com a re-exposição do tema.

"Baixo contínuo" vive da fuga e é uma excelente ilustração, bem distinta da que já conhecemos por Brad Mehldau, do recurso à composição contrapontística no contexto do trio de piano.

As três baladas, para além de trazerem o desejado contraste com aqueles momentos mais enérgicos, são de uma beleza insuperável. Por muito bem que Bernardo Moreira esteja (e está!) em todo o disco, é em temas como "Tanto espaço" e "Esculpir", ou na primeira metade de "Plano" (um magnífico "rubato"), que, por via de uma singular riqueza melódica e rítmica, o seu contrabaixo atinge um maior nível de expressividade. É também em "Plano" que, mais para o final, Mário Laginha, já então sobre um tempo explícito, revela uma outra faceta, evocando por momentos o som africano de Abdullah Ibrahim.

Aqui está o disco que demolirá qualquer dúvida quanto ao lugar de Mário Laginha no seio dos maiores pianistas da actualidade e que é, desde já, um dos grandes discos de 2007.